

2. Lastro: Intercâmbios Livres em Arte

Encarar a arte como conectividade sensível e pensante com as esferas da vida e mundo é o mote ideológico do projeto *Lastro – Intercâmbios livres em arte* que vem atuando no trânsito entre Brasil e os demais países latino-americanos com o propósito de ser pesquisa, curadoria e uma rede de contato e pontes profissionais e afetivas. Materializa-se como plataforma virtual: um website de informação, comunicação, encontros e trocas no âmbito das artes visuais, construída para potencializar o diálogo entre profissionais latino-americanos e/ou atuantes neste contexto e para difundir suas práticas para o público em geral em esfera global. Sendo assim, funciona como rede de trabalho e pesquisa tramada organicamente por seus usuários.

Lastro pretende ser abrigo e rizoma de práticas e reflexões sobre arte contemporânea no contexto da América Latina e suas reverberações culturais além-territórios. Contudo, este recorte territorial (que também pode ser encarado como identitário ou cultural), se configura como seu momento presente. Entendeu-se, ao longo de seu percurso de atuação e maturação, que o projeto Lastro compreende a necessidade de pesquisa sobre mobilidade na arte em seu âmbito macro de pensamento. Ou seja, o vislumbre de conexões externas ao contexto América Latina já se apresentam coerentes como investigação e possíveis dentro de um período futuro.

Nas esferas abstratas e com articulações intangíveis Lastro existe como proposta curatorial móvel, agregadora e colaborativa. Seu movimento cartográfico requer atenuação das linhas de contornos entre os países, cidades, circuitos e cenas de arte. Para tanto, tem como norte de pesquisa artistas e pensadores que compartilhem do mesmo eixo conceitual que justifica a existência do projeto: a arte como via de entendimento e conversas entre mundos, e a compreensão de que na prática e na reflexão da arte são gerados dispositivos para o metamorfismo da vida e ferramentas de fundação para a construção de universos oníricos. Como o artista/curador se posiciona no mundo criticamente?

Importam aqui as tomadas de decisão e visões críticas diante de problemáticas que envolvem a esfera da arte, como o sistema de arte e suas particularidades, as relações de trabalho no âmbito das artes visuais, o labor do artista e as reverberações da arte além de seu campo de saber, e a esfera da vida – sociedade, cidades, habitação, política, relacionamentos, indivíduos, a dualidade entre público e privado, economia, história, individualidades, sentimentos e características da contemporaneidade em seu alcance mais amplo. Semelhanças entre cenas de arte latino-americanas percorridas se conectam através das verdades em comum, como já foi dito: os contextos históricos, periféricos, coloniais e a diversidade cultural, entretanto, somam-se ainda artistas autogestionados e com múltiplas funções, escassos recursos governamentais para cultura e as desigualdades educacionais. Situações encontradas por todos os países da América Latina. Neste panorama análogo surgem propostas centradas na coletividade, nas estratégias alternativas ao circuito tradicional, em movimentos de revolução ao uso e acesso às tecnologias e da informação, o interesse nos intercâmbios entre pessoas e a circulação do trabalho através de redes virtuais ou humanas.

2.1. Identidade ou territorialidade

Na América Latina, a visão tradicional e estereotipada que limita o continente a uma geografia comum vem sendo combatida no campo da arte por iniciativas que propõem a suavização da rigidez cartográfica e a recriação da noção de identidade. Opondo-se a lógica das primeiras grandes exposições sobre *arte latino-americana*¹ realizadas em cenários internacionais – em que eram idealizadas exclusivamente desde e para o centro e buscavam por uma união identitária da região, flertavam com o elemento do exotismo ou pregavam pela imitação de estilos e tendências dos centros hegemônicos – projetos curatoriais que primam pela fomentação do pensamento crítico acerca da multiplicidade de realidades que compõe a América Latina encontram destaque no panorama da região. Esses trabalhos que vão de encontro com concepções contemporâneas sobre territórios, cultura e identidade são realizados por agentes nascidos ou

¹ O termo *arte latino-americana* não dá conta da complexidade existente na região, unificando estéticas, períodos e sistemas sob uma mesma definição. O termo menos prejudicial para casos onde se pretende designar a produção realizada nesta região, sugiro: *arte na América Latina*.

residentes nesses contextos, ou, quando muito, por profissionais que mantêm relações de intimidade com esses países; ou seja: propostas que partem de experiências pessoais e da vivência no local.

Dar conta das múltiplas culturas e da complexidade de cada realidade socioeconômica que formam o que comumente se chama por América Latina passa pela compreensão do amplo processo de transculturação vivenciada por esses povos. O continente latino americano é constituído, desde sua formação, pela múltipla miscigenação cultural e hibridez identitária de suas nações. É neste ponto de encontro e fricção que as sociedades se aproximam e se distanciam simultaneamente. Esta identidade múltipla e híbrida somada à condição de periferia e à posição de dependência econômica compõem o extrato de um histórico comum entre países apesar do universo particular de referências. Deste modo, se torna, no mínimo, imprudente subjugar a uma definição reducionista a produção artística realizada nestes contextos. A arte contemporânea na América latina é composta de complexas inter-relações simbólicas que aportam a um reconhecimento entre a diversidade. “Tão perto, tão longe” e tão correspondente no cerne das diferenças.

Entretanto, por que nos conhecemos tão pouco? Este distanciamento ocorre por fatores históricos e econômicos. Além do passado e presente comum de dominação econômica, somos o Novo Mundo que por muito tempo se refletiu e aspirou ao Velho Continente e, mais tarde, a *American way of life*. No campo da arte, artistas dirigiam seus interesses apenas para circuitos hegemônicos e o mercado de arte nunca foi fortemente consolidado. Na atualidade, estas condições estão aos poucos se diluindo: os mercados de arte já se encontram consistentes, com a profusão de feiras e de representações internacionais, e agora a atenção se inverte de pólo: críticos, teóricos e artistas europeus ou norte-americanos que buscam novos ares e possibilidades em mercados e circuitos nesta parte do globo. A América Latina hoje vivencia *outro* redescobrimento. O ponto de diferença deste redescobrimento contemporâneo acontece de maneira engajada ou, quando muito, por uma ação horizontal. A sociedade intelectual mundial está atenta aos direitos humanos, cívicos e à justiça ao passado totalitário. O lado positivo do interesse estrangeiro em nossa produção simbólica se traduz em um período de

oportunidades igualitárias no cenário global, reconhecendo a qualidade dos profissionais e abandonando estereótipos. Pode-se dizer que se trata do início de uma resignificação de valores do mundo.

O contraditório nesse percurso se encontra no fato de que somente a partir dessa reavaliação por parte do pólo hegemônico é que se ativa o interesse interno no (re)conhecimento. Por conta de um histórico de valores enviesados redes colaborativa entre artistas só vieram a se fortalecer e gerar produtos independentes nos primeiros anos deste século. As diversas culturas estão se descobrindo e se reconhecendo umas as outras. O caminho para uma maior interação entre esses países ainda é longo, contudo se mostra nitidamente nas proposições artísticas como extremamente recompensador.

Para pensar os paradoxos e convergências latino-americanos é preciso ter-se em conta a diversidade de conceitos relativos à noção de América Latina. De qual América Latina estamos falando? Para entendê-la em sua gama de questões é necessário dividi-la em três idéias/concepções que se embaralham por sua natureza. Primeiramente, a divisão geográfica e geopolítica, onde encontramos vinte países de colonização latina, que se localizam ao longo das três Américas, incluindo os países de Cuba, República Dominicana e Haiti situados na região caribenha. São faladas as línguas derivadas do latim (espanhol, português e em menor escala o francês) e se constituem como nações (assim, os 11 territórios latinos, todavia colônias dependentes, não contam nesta definição). Trata-se da tentativa de apreensão de um contexto multifacetado por meio de um sistema inflexível de catalogação que se distancia da vida real. Será que territórios como Porto Rico ou Guiana Francesa não se reconhecem como sociedade e não são lugares expoentes para o pensamento de recriação de identidades?

Em seguida, a concepção “terceiro mundista” que une em um só bloco homogêneo – ignorando particularidades culturais – todos os países e territórios, de raízes latinas ou anglo-saxônicas. Consiste em todas as localidades abaixo dos Estados Unidos. É como viajar para a África, por exemplo, ignorando as diferenças regionais entre Angola, Zimbábue ou África do Sul. O turista não esclarecido lida com o estereótipo da América Latina como um conjunto uniforme de características idênticas: países subdesenvolvidos, natureza exuberante,

população hispano-falante, mercado promissor para investimentos e uma brutal desigualdade social. Em geral, os consumidores dessa *idéia* de América Latina ainda acreditam em uma centralidade do mundo guiada pela lógica do capital e ditadora de regras de condutas.

Por fim, a terceira concepção é a de comunidade cultural – tendo em mente a idéia de cultura como forma do homem lidar com o mundo em que vive – e se apresenta como a mais abstrata. Aqui a América Latina é apreendida em seu sentido expandido amplo, que extrapola limites geográficos. Uma comunidade cultural dilatada presente tanto nos movimentos de imigração quanto de emigração. Esta “latinidade alargada” é vista principalmente nos estados do sul e oeste dos EUA – os fronteiros ao México e que antes pertenciam a este país. Os *chicanos* são um forte exemplo de transculturação: leis de implementação do idioma espanhol nas escolas e o uso oficial do *spanglish* em estabelecimentos comerciais sintetiza o nível de fricção presente no local. Os imigrantes latinos dominam quase 90% do mercado de serviços de mão de obra. Hoje, os EUA configuram um território de conflitos (disfarçados ou evidentes) potente para os estudos culturais. As identidades múltiplas e híbridas, que se auto-afirmam no curso de constantes processos de recriação, penetram na cultura hegemônica, destabilizando-a em suas convicções de unidade².

A profusão de temporalidades e espacialidades contida na extensão desse território continental propicia alto vigor as sensibilidades e aporta às subjetividades as saídas para os desafios do mundo contemporâneo para o pensamento e a ação política. A questão se plantea: como o artista latino-americano transforma em visualidade essas identidades plurais?

A figura do artista como um profissional ativo na sociedade e que tem como “papel social” abrir portas para a sensibilização e o pensamento crítico, seja na esfera da vida ou do ambiente da arte, na contemporaneidade convivemos com duas vertentes de atuação nas artes visuais: artistas que necessitam trabalhar acerca de suas vidas cotidianas, ou seja, trabalhos que denunciam localidades ou

² Ver o filme *Um dia sem mexicanos*, “comédia com a premissa interessante que mostra de forma engraçada a “tragédia” que seriam os Estados Unidos sem imigrantes”. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=AFbjdudDqYs>

realidades e, paralelamente, a vertente de artistas cujas obras abordam conceitos que não dependem de situações geopolíticas ou situações individuais específicas, artistas que se interessam por questões formais, visuais ou preocupações restritas ao universo da história da arte. No contexto latino-americano, as duas vertentes artísticas se encontram muito bem representadas. Ao mesmo tempo em que é real uma trajetória histórica comum marcada por conflitos políticos, sociais e econômicos e que, sem dúvida, fazem parte da constituição da noção de sujeito (mesmo sendo esta tradicional ou não), a produção artística não se restringe ao rótulo de “artista de um só lugar” e busca se alimentar de uma linguagem global para suas proposições. Em um circuito artístico ativo deve-se compartilhar entre os agentes múltiplas referências e abordagens de ação, características que se evidenciam na América Latina, com aparecimento também em outras áreas profissionais. Uma região jovem, que se permite à miscigenação da informação e ao rompimento de padrões, tão caros ao mundo contemporâneo e presentes nas palavras do cineasta argentino Octávio Getino em uma palestra no Rio de Janeiro: “A América Latina deve sair da fase da adolescência, que é a fase dos reclamos para entrar na juventude, que é a fase do sonhar e de criar suas próprias utopias”. Neste momento de transição de mundos, criar o conceito próprio de utopia é também revisar a história imposta por ideais eurocêntricos (e com ela, a história da arte). Isso só é possível com reunião de esforços e investimentos em educação e formação de pensamento. A inversão (seja de atenção, energia ou capital) em profissionais que apreendam e registrem este turbilhão de situações, emoções, culturas e realidades ativas no contexto latino-americano depõe em comunhão ao desejo do redesenho de contornos do mundo, vislumbrando uma nova percepção planetária.

2.2. Cartografias diluídas (sobre mobilidade)

A tarefa de entender o mundo contemporâneo parte de uma compreensão da mobilidade. O trânsito entusiasta do capital, da informação, comunicação e dos seres humanos é a estrutura e combustível para a realidade globalizada, sua ideologia de permanência. Esta mobilidade em questão não deve ser apreendida apenas em seu deslocamento no espaço – que é incentivado pelo furor consumista do turismo, por exemplo – mas – e principalmente, talvez – por seu trajeto no

tempo. Vivemos entorpecidos de aceleração, em um estado constante de pressa, na instantaneidade de imagens e mensagens, que nos faz estagnar no presente. Acontecimentos se amontoam, atropelando uns aos outros, o dia de ontem já está em um passado distante e já não mais nos aventuramos idealizar o futuro. “Pensar a mobilidade é também aprender a repensar o tempo”.³ Esta filosofia do tempo presente, a qual descreve Marc Augé em *Por uma antropologia da mobilidade*, é apenas um dos paradoxos que compõe o mundo contemporâneo em sua ânsia de universalização. A noção tradicional de fronteira e território ainda muito presente nas diretrizes de ações políticas também se apresenta como uma contradição no coração desse sistema. A mobilidade na atualidade ao mesmo tempo em que é celebrada é vista como ameaça as ultrapassadas divisões espaciais (aqui entenda-se também por identidades e culturas) . Vivemos o período dos deslocamentos com vigilância. Fatores econômicos e incentivos governamentais nos permitem presenciar a facilidade da viagem e das trocas culturais, contudo em movimento paralelo e contrário pipocam os obstáculos para os cruzamentos fronteiriços, devido à onda de medo e paranóia internacional, elevando tensões e frustrações.

Contradições contemporâneas que delimitam as diferenças entre o espírito da mobilidade do agora e do qual impulsionou o período das grandes navegações européias (séculos XV e XVI). O que dita o ímpeto atual é, sem dúvida, a possibilidade real e irreversível de interdependência do mundo. Neste sentido, apesar de nos depararmos com este paradoxo do ir e vir, a utopia de uma nova cartografia mundial como um movimento natural no desenvolvimento da contemporaneidade é compartilhada entre os agentes que pensam e vivenciam esta mobilidade. No caso dos poetas, compositores e artistas o desejo de redesenhar mapas soma-se à tarefa de entender o mundo através de idéias, palavras e imagens e a coragem existencial de exprimi-las a qualquer custo.

Ricardo Basbaum ao ser convidado a desenhar um diagrama que fosse ao mesmo tempo símbolo e significado para o evento Sitac VII, de curadoria de Cuauhtémoc Medina, reflete que “se um desenho – mapa, diagrama – é convocado a servir de ferramenta para produção de pensamento, é porque está já posto o desejo de se pensar de outra forma – pensar sensivelmente,

³ AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010. p.100.

sensorialmente, pensar o ainda não-articulado, o impensado. E também se quer deixar marcas, produzir uma marca sensível; então este desenho é sobretudo um *gesto*, ação que interfere e deixa registro, traço.”⁴ A ativação de novos modos do pensar está intrínseca no gesto artístico e deve ser acionada em sua ampla dimensão de alcance nas diferentes esferas da vida. O “pensar de outra forma” inclui atentar para a mudança de nossa lógica de relação com o mundo e deixar-se ser atingido pela vitalidade do outro, do diferente, do distante ou oposto. É aí que o redesenho de contornos (de nós mesmos e de mundos) se apresenta possível não somente no campo do simbólico, mas se fortalece na realidade cotidiana.

A reconfiguração de mundos está presente na arte como pensamento crítico-poético, mobilizando ações ativistas por todo o globo, as quais muitas estão em concordância com os movimentos migrantes. Contudo, também é ativo (de maneira menos sensível, claro) no interior do pensamento global que impulsiona a economia mundial, suavizando o ideal hegemônico do Norte e emponderando de potências o Sul. América Latina, África e Ásia nunca estiveram tão em evidência atrativa. Apesar da lógica cartesiana e matemática da economia e do mercado global, a proposição de deslocalização feita por Basbaum em seu diagrama, onde “não se está em qualquer região cartográfica facilmente identificável; não se sabe o que é mar ou terra, nem se esta região cartografada se inscreve em algum planeta identificável” parece ser algo já captado também pelo capital que definiu uma nova organização do espaço geográfico, com impacto em todas as regiões do mundo. É a verticalidade do movimento e não a utopia de um mundo conectado que se configura como o foco nos combates contra a era global, inclusive no campo das artes. “Mas que local é esse? Trata-se de alguma localização que se quer demarcar, intervir.” A intervenção proposta por Basbaum se formata na ordem da construção de outro contexto, algo que ultrapasse as fronteiras políticas, em que o “território a se configurar não se propõe a abrigar tudo ou todos – não se trata de exclusão, mas de constituição de pertencimento a algo maior e mais interessante.”⁵

⁴ BASBAUM, Ricardo. Sur, sur, sur.. como diagrama: mapa + marca. Versão adaptada da original, publicada em *Sur, sur sur, sur / South, south, south, south*, Cuauhtémoc Medina (Ed.), México, Patronato de Arte Contemporâneo, 2010.

⁵ *ibidem*.

Encarar a globalização como o período histórico atual disponibiliza aos cidadãos ferramentas analíticas para conceituar o que os rodeia. As conjecturas presas na ansiedade do movimentar-se e os paradoxos da era global (que não são somente os descritos aqui, mas também o crescimento das megalópoles e com elas as desigualdades sociais e suas outras conseqüências) são realidades do viver contemporâneo construído pela própria humanidade. Cabe somente às subjetividades presentes nesta arena de embates a visualização de brechas e saídas em acordo com os novos paradigmas de mundo para esta cacofonia de ideologias e convicções.

Para Marc Augé o principal sintoma de enfermidade do sistema global é o fenômeno dos “mundos-cidade” e das “cidades-mundo” que consistem na idéia de que quanto maior é a facilidade na mobilidade, maior também são as possibilidades de sedentarismo. Não importa quão grande é o planeta, a intensa circulação de indivíduos o transforma em um território uno, onde os mesmos profissionais atuam e todos se conhecem, ou seja: os mundos-cidade representam o ideal e a ideologia do pensamento global. Em paralelo, as cidades-mundos possuem todas as contradições e conflitos sociais, econômicos, culturais e políticos existentes no globo, constituindo assim as tensões causadas pelo mesmo sistema. “Uma é a uniformidade e a outra é a diversidade.”⁶ Não é por acaso que a grande maioria dessas cidades-mundo estão localizadas nos países em desenvolvimento e não é a toa que estes despertem os ávidos interesses, nos mais diversos graus e esferas de toda população mundial. São dos países do Sul que vêm o alto crescimento dos mercados de consumo e de produção, o que se tornou o motivo para o traslado de muitas corporações multinacionais. Em contextos latino-americanos, a incidência de governos políticos de centro-esquerda e a presença do Brasil como forte pólo econômico, mantendo boas relações com os países vizinhos, também compõem cenários que indicam as mudanças de paradigmas.

O reconhecimento mundial de uma produção simbólica que mantém sua auto-afirmação cultural, mas alcança uma comunicação estética e conceitual de linguagem universal, tem proporcionado um giro do olhar para essas localidades,

⁶ AUGÉ, Marc. Op.cit. p.44

materializado em exposições itinerantes, eventos culturais, residências curatoriais e produção de textos críticos sobre arte realizada nesses países. Por outro lado, a potência de criação de artistas naturais desses contextos atinge patamares de vitalidade e força poética singulares.

2.3. Cadernos Lastro

Para uma abordagem ramificada sobre mobilidade em arte, priorizando o aprofundamento de diferentes olhares e discursos, esta dissertação se estrutura em quatro capítulos que serão chamados de cadernos. Cadernos, cadernetas, blocos de notas, moleskines acompanham viajantes em todo o mundo, recebendo apontamentos sobre cotidianos, sentimentos, rotas e informações básicas de viagem. Assim, essa analogia proposta encontra seu sentido tendo em vista que o Lastro se autoavalia conceitualmente a cada pesquisa desenvolvida no cerne de viagens, sendo os pensamentos apresentados aqui seus resultados de estudos.

Os cadernos compreendem ensaios críticos acerca do tema proposto, que têm como base de referência a experiência de quase uma década de acompanhamento e reflexão sobre os circuitos de arte na América Latina, e dão suporte contextual a análises de obras de artistas contemporâneos. Indicados com imagens e entrevistas aos artistas, esses resumidos dossiês conectam o pensamento desenvolvido através do Lastro a um trabalho específico na produção de artistas que fazem parte da rede, introduzindo, assim, o leitor às poéticas da mobilidade.

Neste sentido, os cadernos se formulam como propostas curatoriais idealizadas para o universo editorial e inauguram a Coleção Cadernos Lastro. Em um primeiro momento, a coleção compreenderá quatro publicações sobre as questões levantadas nesta dissertação, que como mencionado, são pertinentes ao pensamento acerca da mobilidade em arte contemporânea e abordam eixos conceituais, trabalhos e processos, e o discurso do artista/pesquisador. Com programação visual a cargo de artistas, a série inicial de Cadernos Lastro agrupa as curadorias: Arte como viagem; Agentes da Arte e o Redesenho; Territórios, Migrações e Deslocamentos: Eixos Móveis; e Lastro NE: Encontros de Arte e Crítica no Nordeste Brasileiro.

Tal coleção se destina a curadorias para serem realizadas em formato de livros de bolso, aos moldes dos livretos e cadernetas utilizadas pelos viajantes. Deste modo, os capítulos a seguir se apresentam como projetos curatoriais, que ganharão desdobramentos futuros, seguramente, como livros e, muito possivelmente, como exposições.